

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E DE GÊNERO NA GESTÃO ESCOLAR: As contribuições do cinema para a formação docente

Ingrit Yasmin Oliveira da Silva
Fabiane Freire França
Francielle Aparecida Garuti

Resumo: Esse texto visa relatar uma experiência didático-pedagógica realizada durante a prática de Estágio Supervisionado II, do 4º Ano de Pedagogia da UNESPAR/ Campus de Campo Mourão na área da gestão escolar, vinculado ao Projeto de Extensão Cine Educação: olhares para a formação docente da mesma instituição. Buscamos responder as seguintes problemáticas: como o cinema pode ser utilizado como ferramenta metodológica para discussão acerca das relações étnico-raciais e de gênero na gestão escolar? Os/as educadores/as estão preparados/as para lidar com a diversidade em sala de aula? Nos baseamos nos Estudos Culturais e Estudos de Gênero com o intuito colaborar com as discussões e reflexões dos/as docentes e discentes da Educação Básica e do Ensino Superior para que os mesmos relacionem suas práticas pedagógicas e cotidianas com o filme selecionado. Dessa maneira, destacamos a necessidade de trabalhar essas questões para que percebam e reconheçam as histórias e lutas das mulheres negras com o objetivo de desmistificar preconceitos e elucidar práticas que valorizem a história e cultura das pessoas em suas variadas diferenças.

Palavras-chave: Educação; Relações Étnico-Raciais. Gênero. Gestão Escolar.

Abstract: This text aims to report on a didactic-pedagogical experience during the Supervised Internship II, of the 4th Year of Pedagogy of UNESPAR/Campo Mourão Campus in the area of school management, linked to the Extension Project Cine Education: looks for teacher education the same institution. We seek to answer the following questions: how can cinema be used as a methodological tool for discussion about ethnic-racial relations and gender in school management? Are educators prepared to deal with diversity in the classroom? We are based on Cultural Studies and Gender Studies with the intention of collaborating with the discussions and reflections of the teachers and students of Basic Education and Higher Education so that they relate their pedagogical and daily practices with the selected film. In this way, we highlight the need to work on these issues so that they perceive and recognize the stories and struggles of black women in order to demystify prejudices and elucidate practices that value the history and culture of people in their varied differences.

Keywords: Education; Ethnic-Racial Relations. Genre. School management

INTRODUÇÃO

No decorrer do texto, será apresentado o resultado da prática de Estágio Supervisionado II, do 4º Ano de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) desenvolvido na Gestão Escolar. Para tanto, durante o estágio elaboramos um projeto que teve como objetivo contribuir com a formação de docentes e discentes por meio da exposição do filme intitulado “Histórias Cruzadas” (TAYLOR, 2011) que aborda questões presentes no cotidiano escolar como: relações étnico-raciais e gênero, especialmente do papel da mulher negra na sociedade. Ademais, este trabalho foi vinculado ao projeto de extensão Cine Educação proposto por docentes do curso de Pedagogia da Unespar/Campus de Campo Mourão. As atividades com o filme mencionado foram realizadas durante dois encontros ocorridos no primeiro semestre do ano de 2017.

Como público alvo tivemos docentes, discentes e demais membros da comunidade escolar. Nesse sentido, realizamos reflexões mediante as seguintes questões: como o cinema pode ser utilizado como ferramenta metodológica para discussão acerca das relações étnico-raciais e de gênero na gestão escolar? Os/as educadores/as estão preparados/as para lidar com a diversidade em sala de aula? A metodologia que nos baseamos fundamenta-se nos Estudos de Gênero (SCOTT, 1995; LOURO, 1997), com o objetivo de compreender a maneira como os/as participantes da pesquisa constroem a visão de si mesmos e do mundo que os cercam por meio das interações estabelecidas no ambiente escolar.

No decorrer dos encontros realizamos explicações teóricas acerca das contribuições do cinema no ambiente educacional e após o término da exibição do filme os/as participantes responderam um questionário com perguntas referentes as relações étnico-raciais, gênero e gestão escolar. Com isso, tivemos o objetivo de compreender os significados atribuídos pelo público mediante as discussões realizadas a partir do filme exposto.

Ademais, o artigo foi sistematizado em quatro seções: 1) a introdução, aqui apresentada; 2) a metodologia da pesquisa acerca de gestão escolar; 3) a análise fílmica que evidencia os procedimentos de coleta de dados e por fim; 4)

tecemos algumas considerações finais acerca do trabalho realizado. Nesse sentido, acreditamos colaborar com as discussões e reflexões à formação docente e discente a partir do uso do cinema como mídia na gestão escolar.

Gestão Escolar e as Contribuições da Mídia no Ambiente Educacional

O trabalho do/a pedagogo/a na gestão escolar deve ser realizado com o intuito de proporcionar a oportunidade para que professores/as, alunos/as, pais/mães e/ou responsáveis bem como toda a comunidade escolar participem das decisões do ambiente educacional sem que haja imposições, mas sim a abertura para o diálogo entre todos e todas. Nesse sentido, quanto aos princípios norteadores da gestão escolar corroboramos com a ideia de que

a gestão escolar, como área de atuação, constitui-se, pois, em um meio para a realização das finalidades, princípios, diretrizes e objetivos educacionais orientadores da promoção de ações educacionais com qualidade social, isto é, atendendo bem a toda a população, respeitando e considerando as diferenças de todos os seus alunos, promovendo o acesso e a construção do conhecimento a partir de práticas educacionais participativas, que fornecem condições para que o educando possa enfrentar criticamente os desafios de se tornar um cidadão atuante e transformador da realidade sociocultural e econômica vigente, e de dar continuidade permanente aos seus estudos (LÜCK, 2009, p. 23).

Diante do exposto, cabe ressaltar que é necessário proporcionar um ambiente receptivo, fornecendo os subsídios necessários para que os/as alunos/as tenham acesso a uma educação pública e de qualidade. Ademais, quando se fala em gestão escolar, faz-se necessário fomentar que a escola, instância educacional na qual o/a pedagogo/a exerce suas funções

[...] é uma organização social constituída pela sociedade para cultivar e transmitir valores sociais elevados e contribuir para a formação de seus alunos, mediante experiências de aprendizagem e ambiente educacional condizentes com os fundamentos, princípios e objetivos da educação. O seu ambiente é considerado de vital importância para o desenvolvimento de aprendizagens significativas que possibilitem aos alunos conhecerem o mundo e conhecerem-se

no mundo, como condição para o desenvolvimento de sua capacidade de atuação cidadã (LÜCK, 2009, p. 22).

Sendo assim, a escola tem um papel a cumprir, com isso, além de ser um espaço em que os/as alunos/as aprendem os conteúdos deve ser também um ambiente onde as diferentes funções exercidas sejam respeitadas e valorizadas, pois como afirma Araújo (2002),

a escola deve resgatar e valorizar as habilidades de todos os membros da comunidade [...] uma escola prazerosa, que estudantes e docentes queiram frequentar e na qual tenham prazer com o que fazem e desenvolvem diariamente. Uma escola cujos membros sintam que ela tem significado para suas vidas (ARAÚJO, 2002, p.70).

Sendo assim, é papel do/a gestor/a escolar buscar alternativas de ensino para que haja o envolvimento dos educandos nas atividades propostas. Para tanto, Becker (2012) ressalta que para o século XXI,

Exige uma nova forma de gerir a escola – uma nova forma de gestão do sistema escolar, em todos os níveis. Uma pedagogia relacional entrará invariavelmente em rota de colisão com a atual gestão escolar. Turmas alinhadas por idade, independentemente das capacidades construídas pelos alunos, para quem decretou que a aprendizagem deve acontecer nos 50 minutos da hora-aula, não serve para a escola que sonhamos (BECKER, 2012, p.29).

Sendo assim, acreditamos que é necessário desconstruir as práticas rotineiras que são consideradas como as únicas corretas assim como a maneira tradicional de ensino, com carteiras enfileiradas e o/a docente ser visto como o único dotado de conhecimentos para que haja espaço para novas possibilidades de aprendizagem. Nesse sentido, é importante (re)pensar nas maneiras em que o trabalho é realizado na sala de aula no sentido de compreender que a inovação não abandona a tradição, mas ambas se complementam. Com isso, Araújo (2002) fomenta que a escola precisa ser

[...] prazerosa [...] cujos membros sintam que ela tem significado para suas vidas e que não existe apenas porque pode lhes

ensinar a ler e a escrever, dando, pretensamente, condições de ascensão social. Enfim, uma escola que tenha sentido para a construção de personalidade autônomas e para o resgate e valorização da cidadania. (ARAÚJO, 2002, p.70-71).

Partindo deste pressuposto, é importante que a escola trabalhe com metodologias pedagógicas atreladas a realidade social dos alunos, pois somente a partir de um espaço significativo que poderá ter os seus objetivos alcançados.

Com isso, ressaltamos que com o estágio na área de gestão escolar tivemos o intuito de evidenciar a possibilidade de refletir por meio de filmes acerca das relações-étnico raciais e de gênero na sociedade atual com discussões com os docentes e discentes da Educação Básica e do Ensino Superior para que os mesmos relacionassem suas práticas pedagógicas e cotidianas com o filme em tela. Ademais, concordamos com Napolitano (2009) quando menciona que,

trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. Assim, dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e “difíceis”, os filmes têm sempre alguma possibilidade para o trabalho escolar (NAPOLITANO, 2009, p. 11-12).

Para tanto, o/a pedagogo/a ao atuar na gestão escolar deve priorizar e buscar soluções que contribuam para um processo mais democrático, com isso, o uso do cinema em sala de aula contribui para a efetivação dessa prática quando é proporcionado ao público discussões referentes a temáticas que incitam a (re)pensarem acerca da sociedade em que vivem e lhes é dada a oportunidade ao diálogo. Além disso, Lück (2009) ressalta que:

Os gestores escolares, constituídos em uma equipe de gestão, são os profissionais responsáveis pela organização e orientação administrativa e pedagógica da escola, da qual resulta a formação da cultura e ambiente escolar, que devem ser mobilizadores e estimuladores do desenvolvimento, da construção do conhecimento e da aprendizagem orientada para a cidadania competente (LÜCK, 2009, p. 22).

Ao encontro com essas ideias, Becker (2012) menciona uma possibilidade capaz de superar as maneiras como a escola é organizada. A partir disso, ressalta que

esse é o desafio de todo o educador, gestor ou professor: criar espaços de inventividade em que o passado é tratado como material de construção do presente, com o olhar erguido para o horizonte, o futuro [...] essa transformação deve orientar-se pela fórmula: cada vez mais laboratórios e menos auditório. Laboratório com tempo adequado e diversidade de atores; e auditório para relatar o que se fez e discutir as consequências teóricas dos resultados obtidos e não para repetir o que se fez (BECKER, 2012, p.30)

Partindo deste pressuposto, para proporcionar um ambiente significativo é preciso organizar a escola a fim de que todo/as os/as envolvidos participem e aprendam um com o outro criando novas possibilidades de reflexões neste espaço, visto que o ambiente escolar ideal, é aquele em que as diferenças são respeitadas, sem distinções, para que a gestão democrática realmente aconteça. Com isso, Trilla (2008) fomenta que

a educação [...] é um fenômeno complexo, multiforme, disperso, heterogêneo, permanente e quase onipresente. Há educação, é claro, na escola e na família, mas ela também se verifica nas bibliotecas e nos museus, a distância ou numa brinquedoteca. Na rua, no cinema, vendo televisão e navegando na internet, nas reuniões, nos jogos e brinquedos [...] ocorrem, igualmente processos de educação (TRILLA, 2008, p. 29).

Partindo deste pressuposto, é possível enfatizar que consideramos válidas todas as formas de conhecimentos, visto que as experiências do sujeito não se separam de suas vidas quando começam a frequentar a escola, ou seja, aprendem diferentes maneiras de conhecimentos ao longo da vida. Nesse sentido, destacamos que a partir do filme trabalhado foi possível elencar com o grupo outros conhecimentos.

Ainda sob essa ótica, Leite (2012) menciona que não há como desvincular ou ignorar as tecnologias do processo educacional, entretanto, ressalta a importância de sua utilização ser direcionada e ter uma finalidade específica, ou

seja, integrando-as com os conteúdos que fazem parte da realidade dos/as estudantes. Ademais, Abramowicz (1997), menciona que

a escola não pode tudo, mas pode mais. Pode acolher as diferenças. É possível fazer uma pedagogia que não tenha medo de estranheza, do diferente, do outro. A aprendizagem é destoante e heterogênea. Aprendemos coisas diferentes daquelas que nos ensinam, em tempos distintos, [...] mas a aprendizagem ocorre, sempre. Precisamos de uma pedagogia que seja uma nova forma de se relacionar com o conhecimento, com os alunos, com seus pais, com a comunidade, com os fracassos (com o fim deles), e que produza outros tipos humanos, menos dóceis e disciplinados (ABRAMOWICZ 1997, p. 89).

Portanto, faz-se necessário que o/a pedagogo/a na gestão repense, juntamente com os envolvidos na escola suas práticas pedagógicas para que estas estejam de acordo com as necessidades dos/as alunos/as, e partir disso, é indispensável que além da parceria, haja reciprocidade entre todos/as os envolvidos neste espaço, para que os objetivos educativos sejam alcançados. Logo,

[...] num ambiente de cooperação, reciprocidade, em que todos os participantes do processo educativo atuam com companheiros que têm muito a contribuir com suas percepções, experiências, conhecimentos e habilidades na análise e decisão sobre as problemáticas do dia-a-dia do processo educativo (LUCK, 2003, p. 33).

Deste modo, para que ocorra uma gestão escolar democrática no ambiente escolar, é necessário que cada um dos envolvidos neste processo educativo realizem suas funções de modo a somar com os demais, pois são inúmeros os problemas e desafios que uma escola enfrenta, entretanto, faz-se necessário que neste ambiente tenha pedagogos/as dispostos a utilizar diferentes recursos metodológicos. Afinal, a linguagem do cinema pode ser utilizada no ambiente escolar por docentes e gestores/as possibilitando debates de diferentes temáticas, inclusive, a própria história do sujeito pode ser (re)pensada a partir dos filmes selecionados.

Análise do Filme Histórias Cruzadas

A partir da análise do filme “*The Help*”, traduzido para o português como “Histórias Cruzadas”, sob direção de Tattoly John Taylor (2011) tivemos como justificativa (re)pensar as condições das empregadas domésticas do filme que se passa no século XX em contraste com a conjuntura atual. Com isso, escolhemos um filme que retrata a história de mulheres negras, que moravam na cidade de Jackson no Estado de Mississipi (EUA), na década de 1960 e por não terem oportunidades de estudo, tinham apenas a opção de se tornarem empregadas domésticas. Além de exercerem os serviços domésticos como: lavar, passar, cozinhar e fazer compras criavam laços afetivos com os/as filhos/as da elite da cidade. Nesse sentido, é possível ressaltar que

a invisibilidade das mulheres estava relacionada ao preconceito. A mulher em sua composição histórico-social encontrou imposições e limitações para sua ação e representação na sociedade. No espaço público, ignorada, no privado, muito mais a fazia perceber a que se destinava pela obediência a ordem a que se submetiam (OLIVEIRA, 2014, p.3).

Nessa perspectiva, cabe enfatizar: Quais são as representações de mulheres negras que circulam na sociedade atual? Nesse sentido, destacamos que

[...] a situação feminina negra era completamente diferente à condição feminina branca; enquanto a mulher branca submetia-se a um sistema machista, a mulher negra carregava um fardo duplo: gênero e raça [...] embora as mulheres tivessem conquistado o direito ao voto em 1920, a situação das mulheres negras continuava a mesma, ainda estavam na camada mais baixa da escala social. Saíram do cenário escravista, mas ainda eram exploradas por toda a sociedade, reduzidas aos papéis de domésticas ou de prostitutas (SILVA, 2015, p. 42).

Com essa pesquisa, mediante a diversidade cultural e étnica que o Brasil apresenta, tivemos o objetivo de trabalhar as questões da diversidade racial com o intuito de desmistificar preconceitos, pois como menciona Oliveira (2014),

é na história dos fatos passados que podemos entender o porquê da imagem mulher negra associada a lugares como da

prostituição e de serviços domésticos e da negação de direitos. Reforços sociais que contribuíram para cristalizar esses valores no universo de uma sociedade ainda preconceituosa no tempo presente (OLIVEIRA, 2014, p. 17).

Ao analisar as condições e trabalho das mulheres negras, é possível perceber que para não serem dispensadas de seus serviços elas eram submissas aos seus patrões e patroas, todavia, não recebiam um salário digno e nem tinham direito a aposentadoria. Além disso, o filme retratado enfatiza que uma das empregadas domésticas resolveu desafiar sua patroa e por isso perdeu seu emprego. Como consequência, ainda, seu esposo a violentava por não possuir mais dinheiro para sustentar a família. Nessa perspectiva, com a análise fílmica é possível perceber que

para a mulher negra nem mesmo o cenário familiar era sinônimo segurança e de aceitação: ter um companheiro permanente muitas vezes significava violência, eram frequentemente maltratadas e por esta razão eram obrigadas a abandonar o lar e assim, muitas delas eram forçadas a trabalhar nas ruas, por não terem para onde ir (SILVA, 2015, p. 42).

Naquele contexto, até mesmo os banheiros dos patrões e patroas eram separados das empregadas pois acreditavam que as mulheres negras devido a cor da pele eram vulneráveis a doenças transmissíveis.

O filme trabalhado foi realizado a partir da adaptação do livro “A Resposta”, de Kathryn Stockett (2012) para o cinema. A história retratada tanto no livro quanto no filme relata que uma jovem branca recém-formada em jornalismo, cuja família tinha ensinado a respeitar as pessoas negras desde a infância resolveu escrever um livro a partir do ponto de vista dessas mulheres ao relatar suas histórias de vida, e sobretudo o tratamento que recebiam como empregadas. Todavia, naquele período,

[...] era extremamente arriscado se mostrar a favor da igualdade racial. Em uma das cenas apresentadas no filme, temos a seguinte fala: Toda pessoa que publicar, divulgar ou circular temas escritos a favor da aceitação pública ou igualdade entre negros e brancos está sujeita à prisão [...] o medo de se expor era uma realidade na época, durante muitos séculos os negros tiveram suas opiniões silenciadas, ao mesmo tempo em que

ansiavam por mudanças, tinham forte receio em manifestar-se (SILVA, 2015, p.23).

Ademais, após muita resistência e silêncio, as mulheres negras tiveram a coragem de falar como eram suas condições de trabalho e foram ouvidas pela primeira vez por uma mulher branca. No livro foram utilizados nomes fictícios por questão de segurança e o lançamento teve bastante repercussão sendo este um sucesso de vendas. Nessa perspectiva, Silva (2015) menciona que

para alguns, o preconceito racial pode ser considerado um tema ultrapassado. Ainda precisamos falar sobre? Sim, precisamos falar sobre o preconceito racial! Ignorar os episódios do passado e não debater abertamente o assunto é negligenciar os esforços de todos aqueles que lutaram por uma mudança. Não falar sobre a situação da mulher negra é desconhecer sua atuação como construtora da história, é ignorar sua luta para sobreviver dentro de uma sociedade onde o preconceito racial era tido como algo comum (SILVA, 2015, p.57).

Partindo desse pressuposto, a proposta da análise fílmica é mostrar como essas mulheres buscaram a igualdade racial ao narrar os maus tratos sofridos, o que ressalta o encorajamento para lutarem por seus direitos civis enquanto mulheres, sobretudo negras.

Com o intuito de falar sobre esta temática a prática de estágio de gestão ocorreu da seguinte maneira: Primeiramente, elaboramos o projeto no qual realizamos levantamento bibliográfico sobre gestão, relações étnico-raciais e de gênero a fim de trabalhar com essas temáticas para a utilização do cinema em sala de aula.

Após a exibição do filme produzido no ano de 2011, com duração de 2 horas e 16 minutos, realizamos discussões por meio dos seguintes questionamentos:

- 1- Quais as relações étnico-raciais e de gênero podemos destacar no filme?
- 2- Qual é o papel da mulher negra destacado no filme? E na sociedade atual?

3- Enquanto docentes e discentes, como abordar as relações étnico-raciais e de gênero no ambiente escolar?

Ao iniciar as atividades do projeto, apresentamos o filme em dois dias distintos, primeiro para os/as participantes do 4º Ano do curso de História de uma Universidade Pública Estadual e posteriormente para o 3º Ano do Ensino Médio de um Colégio Estadual, ambas as instituições de ensino estão localizadas no município de Campo Mourão-PR. Com isso, realizamos a explanação teórica com discussões da temática abordada e em seguida entregamos um questionário para o público responder com o intuito de relacionar a temática do filme com a gestão escolar.

Partindo dessa perspectiva, após responderem o questionário, foram realizadas discussões acerca das respostas dos participantes articulada às questões presentes no filme. Nesse sentido, levamos o seguinte excerto para a discussão:

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros. Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável quando discutimos, nos processos de formação de professores, sobre a importância da diversidade cultural? (GOMES, 2003, p. 171).

Realizamos com o público a articulação dessa citação com as cenas que mais lhes chamaram atenção no filme exposto e ficou evidente a partir dos seus diálogos que para desconstruir a imagem negativa e produzir outras perspectivas positivas da população negra é necessário que práticas rotineiras, excludentes e preconceituosas deem lugar para outros olhares. Nesse sentido, acreditamos que um dos caminhos para alcançar tal objetivo seria problematizar essas discussões no ambiente educacional assim como realizamos durante a prática de estágio.

Com isso, acreditamos que “[...] em lugar de ensinar o que os outros pensaram, pode ensinar a pensar; em lugar de ensinar a obedecer, pode ensinar

a questionar, a buscar os porquês de cada coisa, a iniciar novos caminhos, novas formas de interpretar o mundo e de organizá-lo” (MORENO, 1999, p. 7).

Desse modo, com a análise dos dados das respostas do questionário, ficou evidente que os conceitos que levamos para discussão junto ao grupo sobre as relações raciais, sobretudo acerca das mulheres negras foram vistos de maneira positiva, visto que a maioria das justificativas presentes no questionário mencionou o fato de que mesmo a história do filme ter se passado em Mississipi (EUA) durante o século XX há muita semelhança com a realidade vivida pelas mulheres negras brasileiras do século XXI.

Nesse sentido, Silva (2007) salienta que ao trabalhar com filmes é possível resgatar aspectos da realidade e dessa maneira atrair os participantes pelo fato de problematizarem suas histórias. Com isso, concordamos com (A)¹ acerca das relações étnico-raciais e de gênero presentes no filme quando fomenta que

embora o filme retrata a década de 60, é possível perceber que o conceito atual apresenta a mesma situação [...] acredito que a mulher negra sofre ainda mais, já que além de conviver com uma sociedade machista, a raça ainda refletirá no dia-a-dia. Nos últimos anos, ainda que devagar, os negros puderam conseguir um merecido espaço na sociedade, infelizmente ainda há um discurso que prega a não existência do racismo em nosso país. A escola é uma excelente oportunidade para trabalhar o assunto e os docentes podem contribuir muito para melhora da realidade (*sic* Trecho extraído do questionário).

Ademais, ao questionarmos sobre qual é o papel da mulher negra destacado no filme e na sociedade atual, (B)² menciona que,

[...] a mulher negra vinha de uma classe social baixa, não tinha os mesmos direitos que as mulheres brancas, o único emprego que elas *conseguia* era de empregada doméstica [...] no Brasil ainda a raça negra não é bem vista com cargos mais altos, como de médico, advogado entre outros. (*sic* Trecho extraído do questionário).

¹ A letra (A) justifica-se pelo critério de ser a primeira letra do alfabeto. Utilizamos as letras sequenciais do alfabeto para preservar a identidade dos/as participantes da pesquisa.

² A letra (B) justifica-se pelo critério de ser a segunda letra do alfabeto.

Diante disso, acreditamos que mesmo que as mulheres negras tenham mais espaço na contemporaneidade do que nos séculos passados no que diz respeito ao acesso a espaços públicos, ainda assim elas são consideradas como inferiores devido a cor da pele e estão na camada mais marginalizada da sociedade. Dessa maneira, faz-se necessário fomentar que as mudanças ocorridas na sociedade não foram capazes de diminuir as desigualdades existentes entre negras e brancas.

Ao questionarmos qual é o papel da mulher negra destacado no filme e na sociedade atual, (C)³ ressalta que:

O tema em ambiente escolar deve ser debatido com cautela e ponderação [...] entre alunos e professores e profissionais do âmbito escolar, para mostrar que não há diferenças, que não deixamos de ser menos ou mais por nossa cor! Que todos somos iguais e que o (tom) cor de pele não influencia em nada, que todos são capazes de fazer e alcançar aquilo que pretende (*sic* Trecho extraído do questionário).

Diante do exposto, corroboramos com a ideia de que o papel das/os pedagogas/os na gestão escolar é promover reflexões, questionamentos e discussões com docentes e discentes com o intuito de problematizar e desconstruir as desigualdades que geram preconceitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a prática de estágio supervisionado realizada na gestão escolar acreditamos que é necessário introduzir no ambiente educacional novas maneiras de encaminhamentos metodológicos como a utilização do cinema em sala de aula com o intuito de viabilizar a aprendizagem de alunos e alunas por meio do uso da tecnologia.

A partir da análise dos questionários constatamos que os/as participantes demonstraram em seus escritos uma preocupação o preconceito racial sofrido por mulheres negras brasileiras. O nosso trabalho promoveu momentos de diálogos com docentes e discentes que as propiciaram vivenciar e perceber

³ A letra (C) justifica-se pelo critério de ser a terceira letra do alfabeto.

diferentes narrativas sobre a população negra e como essas representações são produções sociais.

Desse modo, pretendemos que as/os pedagogos/as utilizem o cinema como um recurso pedagógico para trabalhar questões relevantes na sociedade e ressaltamos a importância de profissionais da educação que tenham posicionamentos críticos sobre preconceitos, que busquem conhecimentos, estudos e pesquisas realizadas por autoras/es que tratam a respeito do tema proposto para que possam discutir e criar estratégias no processo de ensino e aprendizagem das/os alunas/os a fim de combater qualquer tipo de discriminação ou desigualdade existentes no país.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; MOLL, Jaqueline (Org.). **Para além do fracasso escolar**. Campinas: Papirus, 1997.

ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. **A construção de escolas democráticas: histórias sobre a complexidade, mudanças e resistências**. São Paulo: Moderna, 2002.

BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**. 2.ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

GOMES, Nilma Lino. Identidade negra e formação de professores: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003a.

LÜCK, Heloísa. **Ação integrada: administração, supervisão e orientação educacional**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

LÜCK, Heloísa. **Dimensões de gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

HISTÓRIAS Cruzadas. Direção: Tate Taylor. **Walt Disney Pictures**, 2011. Internet (146 min).

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna; Campinas: Unicamp, 1999.

OLIVEIRA, Francilene Costa de. **Mulheres negras letras e literatura**: Uma análise da condição da mulher negra no final século XIX a meados do século XX. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife: PE, 2014. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/2309/731>>. Acesso em: 09 ago de 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Fernanda Dorneles da. **“Histórias Cruzadas” e a movimentação social feminina negra pelos direitos civis nos EUA nas décadas de 1950 e 1960**. Centro Universitário Univates, Lajeado: RS, 2015. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/839/1/2015FernandaDornelesdaSilva.pdf>>. Acesso em: 09 ago de 2017.

SILVA, Roseli Pereira. **Cinema e educação**. São Paulo: Cortez, 2007.

STOCKETT, Kathryn. **A Resposta**. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

TRILLA, Jaume, GHANEM, Elie; ARANTES, Valéria. (Org) **Educação formal e não formal**: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2008.

Notas sobre as autoras:

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá;

Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento e do colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná Campus de Campo Mourão;

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá.